

Índice

Primeira Parte	9
Segunda Parte	155
Agradecimentos	299



Em tempos de crise, todos devemos decidir uma e outra vez quem amamos.

FRANK O'HARA



Primeira Parte



1

Eu e Bobbi conhecemos Melissa num recital de poesia em que atuávamos juntas. Melissa fotografou-nos no exterior, com Bobbi a fumar e eu a agarrar deliberadamente o pulso esquerdo com a mão direita, como se receasse que ele pudesse escapar-me. Melissa usava uma enorme máquina profissional e guardava um sem-número de diferentes lentes numa mala especialmente concebida para o efeito. Conversava e fumava enquanto tirava fotografias. Falou do nosso desempenho, e nós falámos do trabalho dela, que descobríamos na *internet*. O bar fechou por volta da meia-noite. Começava a chover nessa altura, e Melissa disse-nos que teria todo o gosto em receber-nos em sua casa para bebermos um copo.

Enfiámo-nos no banco traseiro de um táxi e apertámos os cintos de segurança. Bobbi sentou-se no meio, de cabeça virada para falar com Melissa, de maneira que lhe vi a nuca e a pequena orelha em forma de colher. Melissa indicou ao motorista um endereço em Monkstown e voltei-me para olhar através da janela. Na rádio surgiu uma voz que disse as palavras: clássicos... da *pop*... dos anos oitenta. Depois ouviu-se um *jingle*. Sentia-me excitada, pronta para o desafio de visitar a casa de uma estranha, já a preparar elogios e certas expressões faciais para fazer por parecer encantadora.

Era uma casa geminada de tijolo vermelho, com um sicómoro no exterior. Sob a luz dos postes de iluminação, as folhas tinham uma aparência cor de laranja e artificial. Agradava-me muito a ideia de

ver o interior das casas de outras pessoas, sobretudo de pessoas razoavelmente famosas, como Melissa. Decidi de imediato que memorizaria cada pormenor da casa dela, para mais tarde poder descrevê-la aos nossos outros amigos e contar com a corroboração de Bobbi.

Quando Melissa nos deixou entrar, uma pequena *spaniel* castanho-vermelhada apressou-se em direção ao vestíbulo e pôs-se a ladrar-nos. Na entrada, o ar estava quente, e as luzes, acesas. Ao lado da porta encontrava-se uma mesa baixa onde alguém deixara uma pilha de moedas, uma escova de cabelo e um tubo de batom aberto. Sobre as escadas estava suspensa a reprodução de um Modigliani, uma mulher nua reclinada. Pensei: eis uma casa onde não falta nada. Poderia viver aqui uma família.

Temos visitas, vozeou Melissa para o corredor.

Ninguém apareceu, pelo que a seguimos até à cozinha. Lembro-me de ver uma taça de madeira escura cheia de fruta madura e de ter reparado no solário. Gente rica, pensei. Nessa altura, passava a vida a pensar em gente rica. A cadela acompanhara-nos até à cozinha e pusera-se a farejar de volta de nós, aos nossos pés. No entanto, Melissa não fez menção à cadela, pelo que nós também não.

Vinho?, perguntou Melissa. Branco ou tinto?

Serviu o vinho em copos enormes, do tamanho de taças, e sentámo-nos a uma mesa baixa. Melissa perguntou-nos como surgira a ideia de fazermos espetáculos de poesia falada em conjunto. Na altura, ambas acabáramos de concluir o terceiro ano da faculdade, mas fazíamos espetáculos juntas desde os tempos de escola. A época de exames já havia terminado. Estávamos em finais de maio.

Melissa pousara a máquina na mesa e ocasionalmente pegava nela para tirar uma fotografia, ao mesmo tempo que se ria de si própria por ser «viciada em trabalho». Acendeu um cigarro e deitou a cinza num cinzeiro de vidro com um aspeto algo *kitsch*. A casa não cheirava minimamente a fumo, e perguntei-me ela se teria por hábito fumar ali dentro ou não.

Fiz novas amizades, disse ela.

O marido estava à entrada da cozinha. Ergueu a mão em sinal de reconhecimento da nossa presença e a cadela começou a ganir e a correr em círculos.

Esta é a Frances, disse Melissa. E esta é a Bobbi. São poetas.

O marido tirou uma garrafa de cerveja do frigorífico e abriu-a no balcão.

Vem fazer-nos companhia, disse Melissa.

Sim, teria todo o gosto, mas preciso de tentar dormir um bocado antes do voo.

A cadela pulou para cima de uma cadeira de cozinha perto do local onde o marido de Melissa estava postado, e este estendeu distraidamente o braço para lhe afagar a cabeça. Perguntou a Melissa se tinha dado de comer à cadela, ela disse que não. Tomou a cadela nos braços e deixou que lhe lambesse o pescoço e o queixo. Disse que ele próprio lhe daria de comer e saiu da cozinha.

O Nick tem de ir amanhã de manhã para Cardiff filmar, disse Melissa.

Já sabíamos que o marido era ator. Ele e Melissa eram fotografados com frequência em eventos, e tínhamos amigos de amigos que os haviam conhecido. Ostentava um rosto grande e bonito, além de uma compleição que o fazia parecer capaz de pegar em Melissa debaixo de um braço sem esforço nenhum ao mesmo tempo que com o outro afastava intrometidos.

É muito alto, disse Bobbi.

Melissa sorriu como se «alto» fosse um eufemismo para qualquer coisa, mas não necessariamente qualquer coisa lisonjeira. A conversa prosseguiu. Iniciámos uma breve discussão acerca do governo e da Igreja Católica. Melissa perguntou-nos se éramos religiosas e dissemos que não. Ela disse que achava as cerimónias religiosas, como os funerais ou os casamentos, «reconfortantes, pela espécie de efeito sedativo que produzem». Congregam, disse. Há nisso um quê de bom para o individualista neurótico. E eu frequentei um colégio de freiras, portanto ainda me lembro da maior parte das orações.

Nós também frequentámos um colégio de freiras, disse Bobbi. O que se revelou problemático.

Melissa exibiu um sorriso rasgado e perguntou: em que sentido?

Bom, eu sou lésbica, disse Bobbi. E a Frances é comunista.

Ao que acrescentaria o facto de não me recordar de nenhuma das orações, disse eu.

Mantivemo-nos sentadas a conversar e a beber durante muito tempo. Lembro-me de que falámos acerca da poeta Patricia Lockwood, escritora que admirávamos, e também sobre aquilo que Bobbi desdenhosamente apelidava de «feminismo da disparidade salarial». Comecei a sentir-me cansada e um pouco embriagada. Não me ocorria nada espirituoso para dizer e era-me difícil pôr no rosto uma expressão que fizesse transparecer o meu sentido de humor. Creio que soltei risadas e acenei com a cabeça bastantes vezes. Melissa disse-nos que estava a trabalhar num novo livro de ensaios. Bobbi tinha lido o primeiro que ela publicara, mas eu não.

Não é grande coisa, disse-me Melissa. Espera pelo lançamento do próximo.

Por volta das três da manhã, acompanhou-nos ao quarto de hóspedes e disse-nos quão maravilhoso havia sido conhecer-nos e quão contente estava por passarmos lá a noite. Quando nos enfiámos na cama, fixei os olhos no teto e senti-me muito bêbeda. O quarto girava repetidamente, em rotações breves e consecutivas. No momento em que adaptava os olhos a uma rotação, outra principiava de imediato. Perguntei a Bobbi se estava a ter o mesmo problema, mas disse-me que não.

É fantástica, não é?, disse Bobbi. A Melissa.

Gosto dela, respondi.

Consequíamos ouvir-lhe a voz no corredor e os passos que a levavam de uma divisão para a outra. Uma vez, quando a cadela ladrou, ouvimo-la gritar qualquer coisa, a que se seguiu a voz do marido. Mas depois disso adormecemos. Não o ouvimos sair.

/

Eu e Bobbi conhecemo-nos no terceiro ciclo. Nesse tempo, Bobbi era muito perentória e dogmática, e muitas vezes punham-na de

castigo por transgressões comportamentais que a nossa escola definiu como «perturbadoras do ensino e da aprendizagem». Quando tínhamos dezasseis anos, fez um *piercing* no nariz e começou a fumar. Ninguém gostava dela. Foi temporariamente suspensa por ter escrito «que se foda o patriarcado» na parede ao lado de uma figura de gesso da crucificação de Cristo. Ninguém se mostrou minimamente solidário aquando desse incidente. Bobbi foi considerada uma exibicionista. Mesmo eu tive de admitir que o ensino e a aprendizagem decorreram de forma muito mais pacífica durante a semana em que ela esteve ausente.

Aos dezassete anos, tivemos de marcar presença num baile de angariação de fundos no pavilhão da escola, com uma bola de espelhos parcialmente partida a projetar luzes no teto e nas janelas gradeadas. Bobbi trajava um fino vestido de verão e parecia não ter escovado o cabelo. Era radiosamente atraente, o que significava que todos tiveram de se esforçar por não lhe prestar a mínima atenção. Disse-lhe que gostava do vestido que usava. Ela deu-me a beber da vodca que trazia numa garrafa de *Coca-Cola* e perguntou-me se as restantes portas da escola estavam trancadas. Verificámos a que dava para a escadaria traseira e constatámos que estava aberta. Todas as luzes estavam apagadas e não havia mais ninguém lá em cima. Conseguíamos ouvir a música a zumbir através das tábuas do soalho, como um toque de telemóvel que não o nosso. Bobbi deu-me a beber mais um bocado da sua vodca e perguntou-me se eu gostava de raparigas. Era muito fácil agir de forma despreocupada na presença dela. Limitei-me a dizer: sim.

Não estava a trair a lealdade de ninguém ao tornar-me namorada de Bobbi. Não tinha amigas próximas e, nos intervalos de almoço, lia solitariamente manuais escolares na biblioteca da escola. Gostava das outras raparigas, deixava-as copiarem os meus trabalhos de casa, mas sentia-me só e indigna de uma verdadeira amizade. Fazia listas das coisas que tinha de melhorar em mim. Mas, depois de eu e Bobbi termos começado a namorar, tudo mudou. Deixaram de me pedir os trabalhos de casa. Nos intervalos de almoço, caminhávamos pelo parque de estacionamento de mãos dadas, e as pessoas

desviavam maliciosamente o olhar. Era divertido, a minha primeira experiência verdadeiramente divertida.

Depois das aulas, costumávamos deitar-nos no quarto dela a ouvir música e a falar sobre os motivos pelos quais gostávamos uma da outra. Eram conversas longas e intensas, e de uma importância tal para mim que à noite, secretamente, transcrevia fragmentos que havia memorizado. Quando Bobbi falava sobre mim, tinha a sensação de estar a ver-me ao espelho pela primeira vez. Também passei a ver-me mais vezes ao espelho. Comecei a desenvolver um profundo interesse pelo meu rosto e pelo meu corpo, algo que nunca antes acontecera. Perguntava a Bobbi coisas como: tenho as pernas compridas? Ou curtas?

Na cerimónia de entrega dos diplomas de conclusão do ensino secundário, fizemos um recital de poesia em conjunto. Alguns dos pais choraram, mas os nossos colegas de turma limitaram-se a olhar lá para fora através das janelas do pavilhão ou a falar em voz baixa entre si. Passados vários meses, depois de mais de um ano juntas, eu e Bobbi separámo-nos.

/

Melissa queria escrever um artigo sobre nós. Enviou-nos um *e-mail* a perguntar se estávamos interessadas, ao qual anexou algumas das fotografias que nos havia tirado no exterior do bar. Sozinha no meu quarto, descarreguei um dos ficheiros e abri-o em ecrã inteiro. Bobbi olhava para trás, na minha direção, maliciosa, segurando um cigarro na mão direita e colocando a sua estola de pelo com a outra. Ao lado dela, eu parecia simultaneamente entediada e interessante. Tentei imaginar o meu nome num artigo de fundo, numa fonte serifada com hastes grossas. Decidi que me esforçaria mais por impressionar Melissa quando voltássemos a estar juntas.

Bobbi telefonou-me quase imediatamente a seguir à chegada do *e-mail*.

Viste as fotografias?, disse. Acho que estou apaixonada por ela.

Segurei o telemóvel numa mão e com a outra fiz *zoom* sobre o rosto de Bobbi. A resolução da imagem era alta, mas ampliei-a ao ponto de distinguir os *pixels*.

Se calhar só estás apaixonada pelo teu próprio rosto, disse eu.

Só porque tenho um rosto bonito, isso não quer dizer que seja narcisista.

Não fiz caso. Ainda estava concentrada no processo de ampliação da imagem. Sabia que Melissa escrevia para vários *sites* importantes especializados em literatura e que o trabalho dela circulava abundantemente na *internet*. Escrevera um famoso texto sobre os Óscares que toda a gente republicava na *internet* ano após ano, por altura da cerimónia. Por vezes também escrevia perfis locais, acerca de artistas que vendiam o seu trabalho em Grafton Street ou sobre artistas de rua em Londres. Eram sempre acompanhados por belas fotografias dos seus sujeitos, de aparência humana e cheios de «carácter». Devolvi a imagem ao tamanho original e tentei olhar para o meu próprio rosto como uma estranha que o visse na *internet* pela primeira vez. Tinha um aspeto redondo e branco, as sobrancelhas como parênteses tombados, os olhos desviados da lente, quase fechados. Mesmo eu conseguia reconhecer em mim carácter.

Respondemos-lhe ao *e-mail* dizendo que seria um enorme prazer, e convidou-nos a jantar em sua casa para falarmos acerca do nosso trabalho e tirar mais algumas fotografias. Perguntou-me se podia enviar-lhe por *e-mail* uma parte do nosso trabalho poético, e anexei três ou quatro dos poemas mais bem conseguidos. Eu e Bobbi discutimos em pormenor o que Bobbi vestiria para o jantar, sob o pretexto de uma conversa acerca do que ambas deveríamos usar. Estava no meu quarto a observá-la enquanto se olhava ao espelho, ajeitando meticulosamente madeixas de cabelo neste e naquele sentido.

O que queres dizer exatamente com isso de estares apaixonada pela Melissa?, disse eu.

Quero dizer que tenho um fraquinho por ela.

Tens noção de que ela é casada.

Não achas que ela gosta de mim?, disse Bobbi.

Segurava uma das minhas camisas brancas de algodão escovado em frente ao espelho.

Como assim, gosta de ti?, perguntei eu. Estás a falar a sério ou a brincar?

Em parte, estou a falar a sério. Acho que ela gosta de mim.

De uma maneira que pressuponha a inclinação para um caso extraconjugal?

Bobbi limitou-se a soltar uma risada em resposta. De forma geral, com as outras pessoas eu percebia o que deveria levar a sério ou não, mas com Bobbi era impossível. Ela nunca parecia falar inteiramente a sério nem inteiramente a brincar. Por causa disso, eu aprendera a adotar uma espécie de aceitação *zen* das coisas estranhas que ela dizia. Vi-a despir a blusa e vestir a camisa branca. Arregaçou as mangas cuidadosamente.

Estou bem?, perguntou ela. Ou horrível?

Bem. Fica-te bem.